

Anistia para Brasília

Miriam Leitão

UMA cidade sozinha não faz história. Mas de Brasília exigiram isto. Ela nasceu sob a cobrança de que deveria transformar, por força da sua arquitetura de prédios e apartamentos simétricos, uma sociedade dramaticamente disforme em uma sociedade igualitária. Pedia-se que da prancheta surgisse a revolução das estruturas injustas do país e que o contínuo pudesse conviver com o chefe de Gabinete do Ministro, e os filhos dos dois, irremediavelmente de classes diferentes, brincassem na mesma quadra, tivessem as mesmas chances. Mais tarde, culpariam a cidade pela expulsão dos contínuos e seus filhos para as cidades satélites. Quando Malraux desembarcou, criou a frase: "Brasília, a cidade da Esperança". A esperança era daqueles tempos, do início dos anos 60. Não da cidade. Era a esperança de que a força que tinha garantido a propriedade nacional do sub-solo, criado a indústria automobilística, construído uma nova capital, reformasse também as estruturas do país. A cidade era apenas um dos símbolos das mudanças que tantos queriam, mas teve de ficar com o ônus de ser o próprio gerador de um tempo novo,

ainda que os conspiradores já se reunissem tratando de garantir que uma velha ordem política e social comandasse a história do Brasil nos vinte anos seguintes.

E a cidade seguia oferecendo aos seus visitantes apenas suas formas geométricas dispostas sobre um plano — ora verde, ora seco — e contra um céu que às vezes fica vermelho às seis da tarde. Pequena para as esperanças que representava, frágil diante das forças que se armavam nos quartéis. Brasília seguia apenas oferecendo o espetáculo da sua beleza.

Neste cenário — bonito cenário — instalou-se o quartel-general do poder militar e, do dia para a noite, a capital passou a ser não mais a da esperança, mas a capital fria, autoritária que, pela sua arquitetura e geografia, impedia qualquer manifestação popular. Na verdade os adjetivos ficariam melhor no regime que, por ser militar e de direita, era o contrário de democrático. Mas se criaram teorias e mais teorias responsabilizando Brasília pela consolidação do regime. Ela, segundo esta corrente de pensamento, teria sido feita sob encomenda para que nada se colocasse entre os carros de combate e o Congresso Nacional. A bem da verdade, se estivesse instalado na Praça da Sé ou na Cinelândia, nada salvaria o poder legislativo do peso dos tanques do General Meira Mattos, em 68, com eficiência comprovada até em São Domingos.

Nessa época, o Congresso fechado, um jornalista de sucursal chegou a receber uma pauta despachada de São Paulo determinando que se contasse com riqueza de detalhes o cenário da capital e pedia um exemplo: "falar sobre o barulho das janelas dos apartamentos abandonados batendo ao sabor do vento". A fantasia que se vivia em São Paulo sobre Brasília transformava-a numa espécie de cidade-fantasma dos melhores Westerns. Nem tão fantasma assim. Brasília também reagia e era esmagada, como, de resto, o país. A mesma força que fez surgir o movimento estudantil do Rio e de São Paulo instalou-se na UnB. O mesmo poder que matou Edson Luis no Calabouço, arrancou do campus da UnB o estudante Honestino Guimarães. E se mais não fez, é porque o país inteiro, à época, reagiu pouco aos militares. A conta da consolidação do regime não é de Brasília. Mesmo agora — coitada de Brasília! — sequer foi anistiada. E olha que mereceu. Seus espaços vazios foram magnificamente ocupados por manifestantes nas diretas, na eleição de Tancredo Neves, no enterro do Presidente morto antes da posse. Brasília jogou água no Maluf, ovo no carro do líder do PDS, zombou do chicote impotente do general Newton Cruz e se protegeu, alegre, sob a bandeira, num dia chuvoso, de festa. O mesmo povo que se escondeu dos tanques que cercaram o Congresso, subiu irreverente no Urutu que carregava o corpo do Presidente morto. O povo era o mesmo; os tempos, outros.

Nestes 26 anos de vida, Brasília foi apenas a tela onde se projetou em cores mais nítidas a história do país. Ora a esperança, ora o medo e, mais recentemente, a confiança na economia. A cidade, condenada a ser símbolo, às vezes do bem, às vezes do mal, deveria pedir um babeas corpus preventivo para a hipótese do Plano Cruzado não dar certo e a nova Constituição ser insuficiente. Se alguma coisa der errado, os teóricos de sempre vão surgir esquadrinhando a geografia de Brasília atrás do vilão da história. Indiferente a isso, Brasília continuará sendo apenas uma cidade. E, felizmente, uma cidade bonita.

■ Miriam Leitão trabalhou como repórter em Brasília durante seis anos.

